

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica

O PAPEL FORMADOR DA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO: REFLEXÕES SOBRE A NOÇÃO DE FORMAÇÃO A PARTIR DE DOCUMENTOS LEGAIS E ENTENDIMENTOS DOCENTES¹

Emanuele Tamiozzo Schmidt², Vânia Lisa Fischer Cossetin³.

¹ Pesquisa Institucional desenvolvida no Departamento de Humanidades e Educação, pertencente ao Grupo de Pesquisa Interdisciplinar de Humanidades no Ensino Médio

² Aluna do Curso de Psicologia da UNIJUÍ, bolsista PIBIC/CNPq, emanuele.schmidt@hotmail.com

³ Professora Doutora do Departamento de Humanidades e Educação, Orientadora, vania.cossetin@unijui.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Desde a modernidade, a concepção de formação passou a ser reduzida à transmissão e aquisição de conhecimentos. Mas um fenômeno contemporâneo está exigindo sua reflexão: a de concebermos a escola novamente como o lugar de formação. Ou seja, nos últimos tempos temos assistido a uma espécie de falência das instâncias educativas, a começar pela família, passando pela igreja e mesmo pela comunidade. Nesse sentido, passou-se a exigir da instituição escolar o cumprimento não apenas de seu papel específico, mas também de todas estas instituições. E talvez, com isso, ela tenha permanecido justamente no exercício de sua função fundamental: a de formadora.

O acúmulo desta complexa função de ensinar e educar, a escola vem enfrentando ora as concebendo como atividades distintas, ora como necessariamente interligadas, além disso, aparentemente sem consenso entre os sujeitos formadores. Muito pelo contrário: haveria um discurso subjetivo, moralmente comprometido e não explicitado que orienta as ações educacionais e uma ambiguidade que permeia o discurso escolar que, em parte, assume esta formação como sinônima de orientação moral, em parte, omite-se a isso, alegando que educação e formação competem à família.

Diante disso viu-se a necessidade de estudar o conceito de formação a partir da noção grega de Paidéia e da noção moderna de Bildung. Esta pesquisa visa, ainda verificar como a questão de formação é expressa nos documentos legais para a educação. Além disso, mediante aplicação de um questionário, buscou-se saber como os professores que lecionam em escolas de Ensino Médio entendem a questão da formação e como eles concebem o papel da escola e da família com relação a esse processo formativo.

2. METODOLOGIA

A pesquisa compreende dois percursos metodológicos: pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica consta de leitura, análise e sistematização de textos clássicos e de comentadores relativos ao tema, bem como o estudo de documentos oficiais, tais como a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação, Parâmetros Curriculares Nacionais, Diretrizes Curriculares Educacionais, Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio. A pesquisa de campo consta de elaboração e aplicação de um questionário semiestruturado junto a professores de ensino médio da rede pública, seguido de análise quanti e qualitativa dos dados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica

3.1 Entre Paideia e Bildung: algumas reflexões sobre o conceito de formação

Ao nascer, o ser humano é apenas biológico, não passando de um animal como qualquer outro de sua espécie. Antes, é portador de uma condição inata muito mais precária, porque nada consegue realizar ou desenvolver sem ajuda de outro ser humano. É por meio da educação que ele se humaniza e se constitui como tal. “Por isso, educar implica retirar do indivíduo tudo que o confina nos limites da Natureza e dar a ele uma outra conformação, só possível na vida social” (RODRIGUES, 2001, p. 243). Por isso a questão da formação torna-se um tema de interesse não apenas de quem se interessa por educação, como professores e escolas, mas de toda a nossa sociedade, que não é concebida senão pela consideração de que todas as crianças devem passar pela escola.

Para os gregos a educação representava o esforço humano como característica única, individual. “E foi sob forma de paidéia, de “cultura”, que os gregos consideraram a totalidade da sua obra criadora em relação aos outros povos da Antiguidade de que foram herdeiros” (JAEGER, 2013, p. 5). O princípio educacional grego era formar homens para a sociedade. Eles perceberam que a educação deveria ser um processo de construção consciente e não adestrada, o que acabou refletindo na essência própria da educação que entendemos até hoje. Por isso a educação era pensada também como formação, ou seja, educação para a virtude (JAEGER, 2013). Além disso, para os gregos era preciso ter uma razão que justificasse a transformação do homem, e é “[...] no espaço político que a associação entre educação e ética aparece em toda sua clareza [...], outra não era a finalidade, senão a construção da polis democrática, pela formação de seus futuros cidadãos” (DO VALLE, 2001, p. 180). Nesse sentido é que a ética passa a ser pensada, conforme Hermann, como orientação para a vida em sociedade, isto é, na tentativa de regular a convivência entre os homens (2001, p. 12). Assim, para educar é preciso estar em uma comunidade e para pertencer a esta comunidade é preciso considerar alguns princípios morais que orientem o comportamento humano. Trata-se da noção de Paideia, segundo Hermann, desde Platão até Freud é entendido como a “[...] esperança de que o impulso agressivo do homem possa ser dominado, que ele possa racionalmente agir” (2001, p. 26).

Assim como a noção grega de Paideia refere-se a uma determinada concepção de cidadão da pólis, assim também os modernos cunharam o termo Bildung para referir-se a um certo modo de conceber a complexidade da formação humana. Rousseau acreditava que, de acordo com a idade de cada indivíduo, haveria uma prática condizente: ele descreve Wartung como os cuidados com o recém-nascido; Disziplin, como a transformação do animal selvagem em humano, fazendo assim o uso da razão, do autocontrole e das normas sociais; Unterweisung, a instrução, ou processos de socialização primária e secundária; e Bildung, processo de moldagem do educando, baseado na moral, na razão e na justiça (FREITAG, 1994). Para Rousseau, todos nós possuímos uma consciência que nos permite distinguir a moral: uma derivada de uma fonte interna (as paixões) e outra de uma fonte externa (as mentiras e falsidades da sociedade). A melhor forma de educação, assim, permitiria o controle das fontes: a razão, que, segundo Rousseau, deve ser desenvolvida, enquanto a moral seria inata (FREITAG, 2002). Kant, por sua vez, entende que o educando deve ser disciplinado para que possa aprender os ensinamentos dos mestres e seja conduzido à prudência, à civilização e à moral. (FREITAG, 1994). Ou seja, deve ser conduzida por alguém qualificado, presente e que possa dar exemplo.

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica

3.2. Considerações sobre a noção de formação, ética e moral a partir dos documentos legais para o Ensino Médio

O estudo baseado nos documentos legais permitiu perceber que a abordagem da questão da formação, da moral e da ética ocorre, em parte, de modo semelhante se considerados todos os documentos, porém com algumas controvérsias. Os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Diretrizes Curriculares Nacionais, por exemplo, são os documentos que mais mencionam o conceito de formação. Em particular, as DCN têm um discurso bastante incisivo sobre a formação humana integral e, do ponto de vista da abordagem da moral, o documento destaca o fato de a escola sempre veicular certos valores morais. No caso da ética, a menção ocorre inúmeras vezes associada à questão da formação, mas o documento não define nem ética, nem moral.

Nos documentos do Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio, em especial no Caderno 1, é proposta a formação humana integral e a garantia de acesso à educação e ao direito de aprendizagem, levando em conta as diversidades. Inclusive, trata da “escola como lócus da formação integral”, enquanto respeito às trajetórias docentes e reconhecimento das diferentes juventudes. Mas em nenhum contexto vê-se a definição de formação, de ética ou de moral. No Caderno 2, do mesmo documento, o destaque para a questão da formação, da ética e dos valores morais é, de alguma forma, ampliada, principalmente a questão da formação. Quanto às noções relativas à ética e à moral, em especial, elas só aparecem nas discussões sobre a Paideia grega e da noção de humanidades moderna, ou vinculada à questão da cidadania. Não define as expressões “formação ética”, “autonomia ética”, “relação ética e política”, etc.

3.3. Entendimentos docentes acerca do conceito de formação

Como a intenção da pesquisa é tematizar o conceito de formação e em que medida as noções de ética e moral estão associadas a ele, buscou-se verificar como este conceito e esta relação são compreendidos por professores que lecionam no Ensino Médio. Responderam o questionário 47 professores. Foram solicitadas inúmeras informações tais como: área do conhecimento, graduação, pós-graduação, faixa etária, tempo de magistério. Mas, para o presente resumo, considerou-se a totalidade dos entrevistados e uma análise geral dos dados. As questões foram planejadas de modo a não conduzir a uma resposta muito simplificada, reduzida, e nem tão subjetiva. Por isso boa parte das perguntas oferecem alternativas variadas, a fim de permitir que o entrevistado tenha sua resposta contemplada nas alternativas. Para o presente trabalho, duas questões foram analisadas em meio às 15 questões elaboradas. A primeira questão exigia dos professores que, dentre inúmeras alternativas (ensinar, educar, formar, sancionar, ensinar valores religiosos, ensinar valores morais, cuidar, aconselhar, proteger, informar, disciplinar, ouvir, punir, profissionalizar e humanizar), indicassem quais delas eram apenas de responsabilidade da família, apenas da escola ou de ambas. Com relação à concepção de formação vimos que 17% disseram que é tarefa apenas da família, 53% que é apenas da escola e 49% indicaram que é de ambos. Já com relação a educar, 27% disseram que cabe apenas à família, 2% apenas à escola 53% a ambas. Isso mostra que formar e educar não são entendidos como sinônimos ou conceitos próximos, tanto que 53% disseram que formar é tarefa da escola e educar apenas 2%. Curioso é também perceber que 27% entenderam que educar é de responsabilidade apenas da família.

Com relação a ensinar valores religiosos, apesar de 61% alegarem ser de responsabilidade apenas da família e nenhum que seria tarefa apenas da escola, nos surpreende que 38% indicaram que seria de ambos. Ou seja, entendem que cabe também à escola ensinar valores religiosos. Com o ensino de

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica

valores morais os dados se alteram e apenas 27% acharam que é compromisso apenas da família, 2% apenas da escola e 74% de ambos. Mas fica claro que de qualquer modo, os professores entendem que a escola deve assumir também o compromisso de transmitir valores morais e não apenas ater-se a ensinar conteúdos científicos.

Sobre os conceitos mais voltados ao aspecto coercitivo, tais como punir, sancionar, disciplinar, foi possível perceber que os professores têm uma compreensão mais ou menos harmônica, não entendendo que se trata de uma responsabilidade apenas da escola. Porém, é preciso destacar que uma média de 60% alegou ser de responsabilidade da família e da escola conjuntamente e apenas uns 19% consideraram como sendo apenas da família. Ou seja, concebem que a escola também deve visar a repressão no sentido coercitivo.

Já com relação às noções de humanizar, aconselhar, proteger, ouvir, informar, foi possível concluir que os entrevistados entendem como sendo prioritariamente papel de ambas, escola e da família, atingindo uma média de 89%. Destaca-se o fato de que informar foi entendido no mesmo nível de compreensão de conceitos relativos a aspectos mais afetivos, enquanto ele poderia estar mais próximo do conceito de ensinar, por exemplo, que 55% conceberam como de responsabilidade apenas da escola e 40% como sendo de ambas. O mesmo ocorre com o termo cuidar, que poderia ser entendido como muito próximo de proteger, ouvir, aconselhar e, no entanto, 61% entenderam como sendo de competência apenas da família e também de ambas na mesma porcentagem. No caso da responsabilidade de profissionalizar o questionário mostrou que quase 60% atribui apenas à escola e os outros 20% como de responsabilidade de ambos. Percebeu-se que há uma certa incompreensão por parte de alguns professores sobre a relação entre formação e educação, inclusive sobre a relação que estabelecem com o ensino da moral. Os professores entendem que a moral deve ser ensinada pela escola (74% têm tal compreensão), mas não a associam diretamente com as noções de formação e educação, como se formar não fosse um processo mais amplo e que compreendesse todas estas esferas.

Quanto à segunda questão, que solicita que os professores indiquem, por ordem hierárquica, quais os valores que norteiam a sua prática (religioso, éticos ou científicos/racionais), constatou-se que os princípios científicos/racionais estão em primeiro lugar, os éticos em segundo e os religiosos em terceiro. Para a maioria dos entrevistados os princípios religiosos se encontram em terceiro lugar. Com relação aos princípios éticos e científicos/racionais, porém, houve um certo equilíbrio, no entanto, 61% dos professores, portanto, 20% a mais, concebem os princípios científicos/racionais mais importantes que os princípios éticos.

4. CONCLUSÃO

O estudo teórico, a partir do estudo da literatura referente ao conceito de Paideia e Bildung, bem como às questões relativas à ética e à moral no contexto da educação, permitiu clarear o que se pode entender sobre o conceito de formação, inclusive para ajudar a compreender melhor o papel formativo da escola hoje. Também ajudou a perceber que, apesar de os documentos legais referirem inúmeras vezes às expressões formação, ética e moral, inclusive associadas a questões específicas e gerais ou mesmo como conteúdos disciplinares, eles não são claramente definidos. O termo formação chega a ser tematizado em documentos tais como as Diretrizes Curriculares Nacionais e o Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio, mas com uma relação pouco clara com a ética e a moral, as quais, por sua vez, são raramente tematizadas do ponto de vista teórico. A ética,

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica

por exemplo, é referida inúmeras vezes e, em nenhum momento, este termo é definido. Com respeito à moral a questão é mais complicada ainda, porque trata-se de um termo raras vezes mencionado e, na mesma condição da ética, não é esclarecido. A respeito da relação entre formação, ética e moral, constatou-se que as concepções relativas à formação consideram a questão da ética, inclusive como indispensável à formação humana integral. Mas a moral parece um termo evitado. Por alguma razão entende-se a ética como algo inteiramente distante da moral. Mesmo quando se refere à formação ética – o que é muito raro – não prevê a reflexão sobre a moral conforme define Sánchez Vásquez (1998) ou ainda como se os valores morais não fizessem parte da cultura escolar, não tivessem que ser pensados, discutidos e entendidos.

A partir dos questionários, foi possível perceber dois aspectos importantes. Um deles diz respeito ao fato de que os professores parecem entender os objetivos da escola muito mais a partir da transmissão e desenvolvimento de questões relativas à ciência, à informação, à lógica, à razão, do que à formação integral e à ética, tal como os documentos legais sugerem como o objetivo central da educação básica e também do ensino médio. O outro, contudo, mostra uma situação inversa, porque a maioria dos professores entendem que, junto com a família, a escola também deve assumir o compromisso de formar, inclusive de ensinar valores morais.

PALAVRAS-CHAVE: Formação; Educação; Ética; Moral; Ensino Médio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Lei de Diretrizes e Base de Educação nº 9.394/96. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, Brasília, 1996.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília, 1999.
- BRASIL. Pacto Nacional para o Fortalecimento do Ensino Médio. Caderno I e II: Organização do Trabalho Pedagógico no Ensino Médio. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Curitiba: UFPR, 2014.
- DO VALLE, LÍLIAN. “Ainda sobre a formação do cidadão: é possível ensinar a ética?”. In: Educação & Sociedade, Campinas, ano XXII, n. 76, p. 175-196, out. 2001.
- FREITAG, Barbara. O indivíduo em formação: diálogos interdisciplinares sobre educação. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- _____. Itinerários de Antígona: a questão da moralidade. 3 ed. São Paulo: Papyrus, 2002.
- GOERGEN, Pedro. “Educação Moral: adestramento ou reflexão comunicativa?”. In: Educação & Sociedade, Campinas, ano XXII, n. 76, p. 147-174, out. 2001.
- HERMANN, Nadja. Pluralidade e ética em Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- JAEGER, Werner. Paidéia: a formação do homem grego. Tradução Artur M. Pereira. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- RODRIGUES, Neidson. “Educação: da formação humana à construção do sujeito ético”. In: Educação & Sociedade, Campinas, ano XXII, n. 76, p. 232-257, out. 2001.
- VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. Ética. Tradução de João Dell’Anna. 18 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.